

Juventude pobre e a relação com a escola: entre esperança e desilusão

Poor youth and the relationship with schooling: between hope and disappointment

Luciana Pedrosa Marcassa

Sandra Luciana Dalmagro

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Florianópolis - Brasil

Resumo

O artigo analisa a relação dos jovens com a escola em uma região da periferia de Florianópolis, sul do Brasil. A pesquisa foi realizada em dez escolas por meio de questionários e grupos focais. Dentre os principais aspectos que afastam o jovem da escola se encontra o trabalho, a estrutura física e pedagógica das escolas e as difíceis condições de vida na periferia, marcada pela violência, uso e tráfico de drogas e marginalização. Estes fatores se expressam na desmotivação para os estudos. Entre as razões que aproximam os estudantes da escola se destaca a esperança de um futuro melhor, evidenciada na promessa de emprego e bom salários, além do acesso ao conhecimento e convívio social que a escola possibilita. Todavia os próprios jovens questionam a capacidade da escola em inseri-los no mercado de trabalho e desenvolver conhecimentos significativos. Tais questões são debatidas no texto tendo por base a perspectiva da dialética, da totalidade e da contradição, evidenciando que a escola para os jovens empobrecidos oscila entre a esperança e a desilusão.

Palavras-chave: Juventude; Escola; Pobreza; Trabalho; Desmotivação.

Abstract

The article discusses the relationship that young people establish with schooling in a peripheral region of Florianópolis, south of Brazil. The research was conducted in ten schools through questionnaires and focus groups. Among the main aspects that move young people away from school are working, school's physical and pedagogical structure and the tough living conditions in the periphery, marked by violence, drugs and marginalization. These factors are expressed in demotivation for the studies. Among the reasons that bring students closer to school one detaches the hope for a better future, evidenced in the promise of employability and good salaries, besides the access to knowledge and social life that schooling allows. Nevertheless, young people themselves question the school's ability to insert them into labor market and to promote access to meaningful knowledge. Such questions are discussed in the text based on the perspective of the dialectic, the totality and the contradiction, highlighting that schooling for impoverished young people oscillates between the hope and disappointment.

Keywords: Youth; Schooling; Poverty; Work; Demotivation.

Juventude pobre e a relação com a escola: entre esperança e desilusão

Introdução

O presente texto é parte de uma pesquisa que investigou a relação dos jovens das periferias urbanas da cidade de Florianópolis/SC com a escola, tendo em vista as mudanças que se operam sobre a escola e o mundo do trabalho na atualidade. Debateremos aqui, especificamente, as razões que levam os jovens a permanecer e/ou abandonar a escola. Discutimos também o que os jovens esperam da escola, seus principais problemas, suas expectativas quanto aos estudos e seus projetos de futuro.

Constatamos, nessa pesquisa, que o processo de evasão escolar começa já no final do ensino fundamental e se acentua ao longo do ensino médio. Segundo dados do Censo Escolar da educação básica de 2016 (INEP, 2017), há 12,2 milhões de matrículas nos anos finais do ensino fundamental para 8,1 milhões de matrículas no ensino médio (indicando alto índice de abandono escolar de uma etapa para outra), e que apenas 66,3% dos jovens acessam o ensino médio no país. Os índices de desistência escolar aumentam progressivamente ao longo do ensino médio, havendo um contingente enorme de estudantes que sequer conclui o que é considerada a educação básica, ainda que um número expressivo destes estudantes busque na Educação de Jovens e Adultos (EJA) o caminho, por vezes interrompido, para finalizar os estudos. Como dizem D'Agostini, Vendramini, Marcassa, Dalmagro & Conde (2017), o problema da evasão escolar não é um problema para os filhos das classes dominantes; ele é expressão das desigualdades sociais e da condição de classe, de modo que é mais visível no campo e nas periferias urbanas, entre negros e pobres.

Desse modo, o abandono e a evasão escolar expressam uma desigualdade social frente à escola, ou seja, uma relação entre a origem social e o fato de ser bem sucedido ou não na escola, mas que, segundo Charlot (2002), não é mera causalidade. Por isso, tal problema não pode ser associado de modo simplista às dificuldades dos jovens diante dos estudos e ao desinteresse pela escola. Ao contrário de enxergar as causas da evasão escolar exclusivamente nas dificuldades de ordem pessoal, familiar, pedagógica ou curricular, a relação dos jovens com a escola precisa ser analisada em uma perspectiva de totalidade, como síntese de múltiplas determinações. Esse é nosso desafio.

Para dar conta dele, organizamos a exposição em três partes: na primeira, relatamos brevemente a metodologia adotada, as etapas e o processo da pesquisa; na segunda parte,

refletimos sobre o que afasta os jovens da escola, os problemas e fragilidades dessa relação e os motivos que levam os estudantes a desistirem da escola, aí incluídas as questões didáticas e pedagógicas. E na terceira, abordamos os aspectos que fortalecem os vínculos dos jovens com a escola e o processo de escolarização, explorando os sentidos que justificam sua permanência e o lugar que a escola ocupa nas suas expectativas quanto ao futuro.

1. Metodologia da pesquisa: escolhas e caminhos

A pesquisa foi desenvolvida durante o período de 2014 a 2017 e envolveu dez escolasⁱ de educação básica pertencentes aos territórios do maciço do Morro da Cruzⁱⁱ, em Florianópolis/SC. Uma destas escolas atende estudantes na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os sujeitos da pesquisa foram, principalmente, os jovens que estavam finalizando o Ensino Fundamental e cursando o Ensino Médio, nos três períodos, totalizando 1.181 estudantes, dos quais, a maior parte pertencia ao Ensino Médio.

Os estudos empreendidos foram de caráter exploratório-descritivo e os dados foram coletados por meio de análises de documentos, questionário, entrevistas e grupos focais com os estudantes dos 7º e 8º anos do Ensino Fundamental e 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médioⁱⁱⁱ, rodas de conversa com professores e observações diretas registradas em diários de campo. Vale dizer que pesquisas dessa natureza e amplitude não seriam possíveis sem participação ativa, consentimento e colaboração das escolas-campo, tampouco sem uma ampla equipe de pesquisa, composta por professores e estudantes de diferentes níveis.

A ideia foi construir de um vasto corpo de informações, dados, descrições e análises do problema de pesquisa investigado em cada escola adotando-se instrumentos e procedimentos comuns. Quanto ao problema de pesquisa, interrogamos: o que aproxima e afasta os jovens da escola, considerando as múltiplas determinações e possibilidades que permeiam esse processo? Desta pergunta, outras questões se desdobraram, tais como: quais são as condições de vida e trabalho dos jovens estudantes do maciço do Morro da Cruz, em Florianópolis? Como os jovens representam e dão sentido às práticas escolares? Quais as principais dificuldades dos jovens perante os estudos? Quais os motivos para o abandono escolar? O que mobiliza a permanência dos jovens na escola? O que os jovens esperam da escola? Que outras atividades, fora da escola, concorrem com o processo de escolarização? Como os jovens têm estruturado seus projetos profissionais e de futuro? Há

Juventude pobre e a relação com a escola: entre esperança e desilusão

algo na escola que ainda pode contribuir para alterar a forma como esses indivíduos e grupos concebem seu projeto de formação? Todas essas questões foram analisadas à luz dos dados obtidos, mas nem todas serão abordadas neste texto. Daremos destaque aqui aos aspectos que constituem a relação dos jovens com a escola, ou seja, os dilemas que circunscrevem a questão da permanência e do abandono escolar.

Diante dessas questões, os passos e etapas da pesquisa desenvolveram-se conforme a seguinte ordem: aplicação de um *amplo questionário* exclusivamente aos adolescentes e jovens, composto por 33 questões objetivas, com o objetivo de levantar dados sobre a relação que estabeleciam com a escola, tendo-se em vista cinco eixos: a) dados gerais e condições socioeconômicas, culturais e de moradia dos jovens; b) a condição do jovem estudante; c) os motivos que afastam o jovem da escola; d) os motivos que fortalecem a relação dos jovens com a escola; e) as expectativas do jovem quanto ao seu futuro e da sociedade. Esta etapa foi realizada durante o primeiro semestre de 2014. Das questões que se destacaram na análise do questionário, selecionamos temas ou assuntos que foram debatidos por meio de atividades coletivas – os *grupos focais* e as *rodas de conversa*. Os temas elencados para aprofundamento nos *grupos focais* foram: juventude e escola: motivação e desinteresse; relação com os estudos: indisciplina, amizades, desinteresse e violência; escola, trabalho e perspectivas de futuro; escolarização e migração. Ao todo, foram realizados vinte grupos focais, contemplando todas as escolas e envolvendo diferentes turmas. Nos grupos focais adotamos a estratégia de lançar uma questão disparadora do debate, que poderia ser apresentada sob a forma de vídeo, texto, imagem ou mesmo de algum dado tabulado a partir do questionário. Em seguida, os presentes iam respondendo às perguntas e provocações dos coordenadores, as quais eram definidas segundo um protocolo prévio ou roteiro semiestruturado. Se necessário fosse, o coordenador retomava alguma questão para esclarecimento e aprofundamento. Os estudantes participaram dos grupos focais por adesão voluntária e se identificaram com nomes fictícios por eles escolhidos e posteriormente estampados em um crachá. Em geral, o número de participantes nos grupos focais variou de oito a quinze estudantes. Esta etapa foi realizada durante o segundo semestre de 2014 e primeiro semestre de 2015. Diante da necessidade de aprofundamento ou tratamento isolado de questões relacionadas à trajetória escolar dos estudantes, foram realizadas *entrevistas* com os jovens, os professores e os gestores. As entrevistas enfocaram a história de vida e o histórico escolar dos

estudantes. No total de doze, considerando os diferentes segmentos, as entrevistas foram conduzidas segundo um roteiro semiestruturado, o que não impediu a abordagem ou o aprofundamento de questões inicialmente não previstas, mas que o pesquisador considerou importante abordar na ocasião. Os depoimentos foram colhidos em data e local previamente combinados e registrados em áudio, posteriormente reduzido a termo. Os depoentes assinaram Termo de Consentimento e participaram da entrevista por livre e espontânea vontade. Esta etapa foi realizada ao longo de 2015. Paralelamente às etapas de coleta e produção de dados, foram realizadas também *análises de documentos e observações de campo*, tanto nas escolas como nos bairros e territórios habitados e/ou frequentados pelos jovens. Além disso, estudos, reflexões, leituras e discussões no interior do grupo de pesquisa propiciaram um suporte teórico e metodológico adequado para análise e exposição dos resultados, o que foi feito durante todo o processo da pesquisa. A *análise e sistematização dos dados*, a elaboração das monografias específicas de cada escola e a elaboração das análises de conjunto fizeram parte da quarta etapa da pesquisa, realizada ao longo de 2016 e 2017. Finalmente, vale registrar que os dados foram analisados à luz do método dialético, de modo que as representações dos sujeitos não foram tratadas de forma isolada das condições de produção material da vida e da situação concreta da escola hoje.

2. O que afasta os jovens da escola: problemas e fragilidades dessa relação

Entre as questões que mais evidenciaram as fragilidades da relação dos jovens com a escola, as respostas à pergunta “quais são os principais problemas da escola?”^{iv} nos chamaram atenção, uma vez que 21,3% dos estudantes da pesquisa indicaram que é a “falta de interesse dos alunos pela escola”. Para quem acompanha a educação escolar, esta resposta não é uma novidade, trata-se de uma constatação. Mas o que está na base de tamanha desmotivação para os estudos?

Observamos que o segundo fator mais problemático, na visão dos estudantes, é a “falta de investimentos do governo”, que representa 18,5% do total de respostas. Podemos inferir disso que a falta de interesse e a desmotivação dos estudantes pela escola se relacionam, ao menos em parte, com a situação de precariedade e sucateamento em que as escolas se encontram, tanto em matéria de estrutura como de pessoal.

Com base no que observamos nas escolas-campo da pesquisa, o cenário é de fato dramático: os estabelecimentos de ensino são tanto mais sucateados quanto mais próximos

Juventude pobre e a relação com a escola: entre esperança e desilusão

dos morros e mais distantes dos bairros nobres. A infraestrutura física e as instalações encontram-se deterioradas, necessitando de reforma nos telhados, de pintura nas paredes, de consertos em portas e janelas, de manutenção nos espaços ao ar livre. Algumas escolas não possuem cobertura nos ginásios e quadras esportivas. Os equipamentos de informática ou multimídia, quando existem, estão obsoletos e faltam aparelhos de som e laboratórios equipados. Há escolas que contam com uma estrutura física um pouco melhor do que outras, a depender da localidade, do número de estudantes atendidos, entre outros fatores. Mas essas diferenças não minimizam a “falta de investimentos do governo” percebida pelos estudantes.

Até porque a falta de investimentos incide também sobre a composição do quadro de profissionais das escolas. As equipes pedagógicas estão muito reduzidas, por isso, o pessoal da gestão está sobrecarregado de tarefas e atividades burocráticas; conseqüentemente, o apoio pedagógico aos professores e alunos é deficiente. Os professores, por sua vez, recebem um salário muito baixo, e são cada vez mais raros os efetivos que trabalham em uma única escola, que conhecem os problemas dos alunos e as particularidades da comunidade. Em sua maioria, os professores são temporários, realizam jornadas fragmentadas e em diferentes escolas, muitas das quais distantes entre si. São obrigados a fazer seleção anualmente, convivem com a insegurança e a instabilidade, e aumentam a rotatividade no quadro de professores das escolas. Isso tudo dificulta a existência de um Projeto Político-Pedagógico efetivo e conseqüente, que seja fruto de construção coletiva, o que é essencial para um trabalho pedagógico que gere interesse e motivação nos estudantes.

Nessas condições, a escola oferece pouco aos estudantes; não apenas quanto à ciência e à cultura, mas, sobretudo, quanto às perspectivas de futuro. De acordo com Charlot (2002), a escola não está sendo capaz de oferecer aos jovens uma “aventura intelectual”, ou seja, de promover práticas que incluem “imaginação, exercício físico, estético e sonhos também” (p.24). Se os jovens buscam a escola apenas para ter um bom emprego, o choque é inevitável, pois não encontram aí nem as credenciais para tal, nem o sentido e o prazer de aprender, de estudar, de saber, o que se agrava nas condições precárias em que se encontra. Além disso, uma vez que passam muito tempo na escola, em média de 4 a 5 horas diárias, durante 12 anos (para aqueles que concluem o ensino médio), em algum momento da escolarização, os estudantes se dão conta de que a escola não

corresponde às suas expectativas e de que ela não é capaz de garantir, sozinha, trabalho e subsistência após o término dos estudos.

Nas escolas pesquisadas, que concentram os filhos das frações mais empobrecidas da classe trabalhadora, o trabalho é uma realidade^v e um problema central, seja ele formal ou informal, temporário, parcial, periódico ou em forma de estágio. E são justamente esses jovens os mais afetados pela crise do capital, que, na particularidade do Brasil, aparece como crise econômica e do emprego formal.^{vi} Assim, se o trabalho é uma realidade para parcela significativa dos nossos jovens, a falta dele ou as consequências da crise do capital também o são, e isso exerce influência sobre as expectativas que os jovens têm em relação à escola, aos estudos e aos projetos profissionais. Na esteira da relação entre trabalho e educação, o vínculo com a escola também se fragiliza porque a escola se revela um espaço de formação para o desemprego (GENTILI, 1999) e o trabalho precário, o que aumenta a pressão sobre os jovens pela sua inserção no mercado e seu sucesso profissional.

Nesse sentido, um dos papéis da escola dentro das atuais relações capitalistas de produção é manter as desigualdades sociais – legitimá-las por assim dizer –, na medida em que essas relações criam desigualdades escolares que contribuem para reproduzir as anteriores, ou seja, produzem os “excluídos de dentro”, na expressão de Bourdieu (2004). A produção de desigualdades escolares, a evasão e o analfabetismo são necessários a uma sociedade desigual e estratificada. É preciso conformar a juventude pobre para executar as funções exigidas pelos postos de trabalho simples, já que esse é o tipo de trabalho que o mercado oferece aos filhos da classe trabalhadora no Brasil hoje.

Quando a escola não consegue estimular nos jovens o desejo pelo saber (CHARLOT, 2000), propiciando a eles algo que lhes permita a construção de outro projeto de futuro, ela abre espaço ao desinteresse pelos estudos e, conseqüentemente, ao abandono e à evasão, o que reforça ainda mais a condição de subalternidade da juventude trabalhadora no mundo da produção. Isto, porém, não pode ser assumido por uma sociedade de igualdade formal, para a qual o objetivo da escola é a “inclusão e a socialização”. Faz-se necessário, segundo a lógica liberal e neoliberal, atribuir aos professores e estudantes as causas dos problemas, o que não é outra coisa senão o mascaramento da realidade.

Sabidamente, as condições de estudo e a estrutura física e pedagógica da escola constituem-se como fatores determinantes do bom desempenho, da motivação e do desejo

Juventude pobre e a relação com a escola: entre esperança e desilusão

pelo conhecimento, embora 29,2% dos estudantes tenham considerado o esforço pessoal como mais importante para o bom desempenho na escola^{vii}. É preocupante, portanto, a naturalização das desigualdades sociais e a incorporação, por parte dos estudantes, de valores e princípios neoliberais, como a meritocracia, o individualismo e a concorrência, uma vez que essa ideologia faz da auto responsabilização um dispositivo de internalização da visão de mundo da classe dominante (MÉSZÁROS, 2008). Dessa forma, se as causas da desmotivação para os estudos não são buscadas, a permanência no nível aparente do fenômeno leva à ocultação das contradições e dos problemas essenciais.

Não restam dúvidas de que a motivação e o interesse dos estudantes pela escola têm também raízes na vida do jovem fora da escola. Então, precisamos perguntar: em qual universo cultural se encontra inserido o estudante? Um jovem do ensino médio descreve uma das causas dessa dificuldade com os estudos:

Olha, na minha opinião, existe uma dificuldade. Muitos pensam que são uns caras que não querem nada! Fica um dia na nossa comunidade pra ti ver. Brincadeira, oh! A única forma de correr é a escola! Tudo bem que tem uns que realmente não fazem nada, claro, malandros, mas a maioria tem uma dificuldade. Não é porque não quer, entendeu? É porque é muito complicado tu passares uma noite em um tiroteio, bala pra lá, bala pra cá e depois tu ainda vens pra escola, já meio assim, com medo, e não sabes nem se vais voltar pra casa. (Entrevista, estudante do 3EM matutino, Escola JC, 2014).

As atividades que os jovens desenvolvem para além da escola podem reforçar a importância do estudo e ampliar sua formação cultural ou concorrer com a escola, de modo a afastá-los dos estudos ou encurtar o processo de escolarização. Nesse sentido, foi lançada aos jovens a questão ‘o que atrapalha seus estudos fora da escola?’^{viii} Para 43,9% dos jovens da pesquisa, a internet, a televisão e o *videogame* foram os principais destaques. É compreensível que a internet, as redes sociais, os jogos eletrônicos, entre outras mídias se configurem como a grande atração entre adolescentes e jovens, uma vez que a sua sociabilidade é constituída, em grande medida, por meio dessas ferramentas criadas pelas novas tecnologias da informação.

Outra atividade que concorre com a escola é o trabalho, considerado por 23,5% dos respondentes como a atividade que mais atrapalha os estudos. A esse contingente que declara trabalhar devem ser somados os estudantes que trabalham informalmente, fazendo ‘bicos’, auxiliando nas atividades domésticas (6,5%) e cuidando dos irmãos menores (3,8%). Portanto, para 33,8% dos estudantes, o trabalho é uma atividade que concorre fortemente

com a escola, disputando, ao lado da internet e das redes sociais, o tempo que os estudantes poderiam dedicar às atividades escolares. De fato, ser estudante e trabalhador impõe muitas dificuldades aos jovens, tal como verificamos no Grupo Focal realizado com estudantes do 3º ano do ensino médio matutino da Escola JC (2014):

Eu até consegui dividir os dois um pouco [a escola e o trabalho], porque um foca mais numa coisa do que o outro. Então como eu tava conseguindo, e lá tem bastante movimento, então, fico cansada, não tem como focar na escola aqui, pois já venho cansada e daqui a pouco tem que sair para trabalhar de novo, então, é sempre assim. Eu priorizo mais o trabalho que o estudo.

No caso da Escola SS, na qual realiza-se a EJA, mais de 50% dos estudantes disseram que o que mais atrapalha os estudos é o trabalho, porém este fator aparece apenas em terceiro lugar (12%) como fator de abandono dos estudos. Possivelmente, a citada ‘desmotivação’ para os estudos e o envolvimento com álcool e drogas, que aparecem como os principais fatores de abandono escolar, tenham vínculo com o trabalho, seja com o excesso dele ou com a sua falta, ou ainda com a desesperança de um futuro melhor, já que o trabalho se impõe como necessidade de sobrevivência, como indica uma estudante de EJA:

[...] estava trabalhando em dois serviços e estudava. Daí eu optei, ou trabalhar ou estudar, os três não dava para fazer. Aí parei de estudar para trabalhar. Eu optei por trabalhar porque tinha a mãe e tinha dois irmãos pequenos em casa. Aí eu saí para poder ajudar a minha mãe, porque só a minha mãe sozinha não dava de sustentar eu e mais meus dois irmãos pequeno. (Grupo Focal, 2º segmento EJA matutino, Escola SS, 2015).

Observamos, em nossa pesquisa, tal como Foracchi (1977) já havia demonstrado, que o trabalho representa para o estudante a possibilidade efetiva de manter-se como estudante. Segundo a autora:

[...] o estudante que trabalha não pode impedir que sua atividade esteja cindida entre o emprego e o estudo, na medida em que um é condição do outro. Com isso, a aprendizagem, assim como o emprego só podem ser parciais, tanto no que diz respeito ao aproveitamento, quanto no que se relaciona com a experiência obtida, num ou noutro setor (FORACCHI, 1977, p. 136).

Dessa forma, fica claro que o trabalho concorre fortemente com os estudos e, embora seja uma condição de subsistência, acaba por se configurar, na vida dos jovens, como algo que reduz suas possibilidades como estudantes, na medida em que limita o tempo para o estudo e, ao mesmo tempo, não os realiza como jovens, dado o caráter imediato e transitório com que é encarado. Os dados da amostra geral mostram que o trabalho também aparece como importante fator de abandono para os estudantes^{ix}: 17,4%

Juventude pobre e a relação com a escola: entre esperança e desilusão

relacionaram a desistência escolar à necessidade de trabalhar, reforçando os 33,8% que indicaram o trabalho (formal, informal e doméstico) como atividade que atrapalha os estudos. Portanto não podemos desconsiderar que os estudantes com renda baixa ou média-baixa (que trabalham ou precisam trabalhar) são aqueles que têm maiores dificuldades com a continuidade dos estudos.

Outras situações também precisam ser mencionadas, por exemplo, 18,5% dos estudantes relacionam o abandono escolar com álcool e drogas, o que não está separado do desânimo e da desmotivação. Na Escola HT, 36,1% dos estudantes reafirmam este dado: *“Meu primo abandonou a escola, ele estudava aqui também. Ele abandonou faz pouco tempo, para ficar vendendo maconha lá onde eu morava e também para ficar usando. A última vez que eu o vi, ele estava bem mal”* (Grupo Focal, 7EF matutino, Escola HT, 2014).

Está largamente demonstrada na sociologia da educação (BOURDIEU, 2004; ENGUITA, 1989) a relação entre o universo cultural, familiar, social e o êxito escolar. Nessa direção, não compartilhamos da ideia ingênua de que apenas a mudança de método ou mesmo a renovação do currículo escolar assegurariam a aprendizagem. Por mais que os métodos e a forma escolar tenham papel relevante, a realidade em que vivem esses jovens, marcada pelas desigualdades sociais e escolares, tem peso determinante no percurso que estes terão dentro da escola.

2.1 Uma mirada aos aspectos didático-pedagógicos

Se, por um lado, a falta constante e a desmotivação dos professores é uma realidade diante de condições precárias de trabalho e de um cenário de incertezas e ‘flexibilidade’ de contratos, por outro lado, o professor é um componente central da relação dos jovens com a escola. Por exemplo, ele é visto como muito importante para 35,4% dos estudantes quando interrogados sobre o que consideravam importante para o bom desempenho na escola, enquanto a dificuldade de ensinar por parte do professor apareceu como um dos ‘problemas da escola’ na visão de 8,9% dos jovens. Já entre os fatores que dificultam os estudos dentro da escola^x, ‘a forma como os professores ensinam’ é percebida por 19,3% dos estudantes.

Como sabemos, as dificuldades com os estudos, o acúmulo de defasagens e, conseqüentemente, a reprovação podem repercutir sobre o interesse e a motivação dos alunos, levando-os, inclusive, à evasão escolar. Além disso, a forma como os professores ensinam também concorre para agravar o problema: valendo-se de métodos mais

tradicionais, por exemplo, que fragmentam o conhecimento, apresentam um conteúdo morto e enrijecido, que, voltado ao “trabalho abstrato”^{xi} e desconectado da vida dos estudantes, via de regra, não lhes possibilita o entendimento do mundo. Dessa forma, a difícil relação dos jovens com a escola pode ser potencializada – ou minimizada – pelas questões de ordem didático-pedagógicas e que envolvem a relação com o professor, o conhecimento e o seu trabalho pedagógico.

Segundo depoimentos obtidos na pesquisa, existem professores tradicionais, despreparados, sem habilitação ou em estado de “desistência pedagógica”,^{xii} o que multiplica as dificuldades dos estudantes diante dos estudos e da escola. Mas isso não constitui uma generalidade; em nossa pesquisa, ao contrário, houve muitos estudantes cientes de que a forma como os professores ensinam está ligada ao excesso de trabalho, demonstrando que o problema, em parte, é pedagógico, mas sobretudo político e econômico. Dois estudantes do segundo ano do ensino médio declararam em entrevista que:

Pode ser também porque muitas horas de trabalho deixam a pessoa muito irritada, ainda mais tratar, que nem no ensino médio, com adolescente. Então, acho que, tipo, voltando àqueles critérios básicos, acho que os professores deveriam ter uma hora de descanso maior, porque eu acho que é meio complicado. Tem turma muito cheia, tem turma com 40 alunos. A nossa é pequena, mas tem turma que é muito, então acho que, tipo, é por causa da carga dele, acaba ficando sufocado com isso.

[...] até porque os professores têm que dar aula em vários lugares, e a carga deles, tipo, fica muito elevada, aí afeta, querendo ou não, o trabalho. (Entrevista, 2EMI, período integral, Escola GV, 2015).

Nessa perspectiva, a ‘forma como os professores ensinam’, ou seja, as propostas pedagógicas e suas metodologias, antes de ser um problema exclusivo dos professores e de sua formação, é também um problema do sistema educacional e da sociedade, que não oferece aos professores melhores condições de trabalho e não difunde e viabiliza outras formas de ensinar já consolidadas, que efetivamente deem conta de socializar o conhecimento científico e promover a formação humana multidimensional.

A análise sobre o lugar do professor nos sentidos que os jovens atribuem à escola, sem dúvida, precisa ser ponderada, uma vez que, quando interrogados sobre os aspectos mais positivos da escola^{xiii}, que abordaremos no item a seguir, os jovens não hesitaram em responder que são os professores, com 34,4% das respostas.

Juventude pobre e a relação com a escola: entre esperança e desilusão

As dificuldades na relação com a escola, portanto, têm múltiplas origens. Em nossa pesquisa, 15,9% das respostas apontam dificuldades de aprendizagem (concentração, memorização, entendimento) e, com este mesmo percentual, o ambiente escolar (barulho, indisciplina, brigas). Com menor porcentagem, aparecem as dificuldades decorrentes da relação com os colegas e a turma (8,6%), como as conversas, a bagunça e as intrigas. Por último, 8,2% dos respondentes indicaram que a infraestrutura e o material didático são aspectos que dificultam seus estudos. Assim, se somarmos todos os aspectos que ‘atrapalham’ os estudos, temos que 66,7% dos jovens reconhecem ter dificuldades quanto ao estudo dentro da escola, dentre os quais a maioria (58,1%) atribui essas dificuldades às dimensões pedagógica, individual ou da relação interpessoal.

Na Escola SH, os estudantes afirmaram que a condição da escola, o barulho, a dificuldade de escutar e entender o que os professores dizem são questões que atrapalham os estudos. Já na Escola PA, por exemplo, os estudantes dizem que a maior dificuldade quanto aos estudos dentro da escola é o acúmulo de defasagens em relação ao conteúdo escolar. Essas lacunas em termos de aprendizagem, que vão se somando ano a ano, geram inúmeras tensões entre os professores e a equipe pedagógica.

A partir das questões analisadas, foi possível identificar, de um lado, a estrutura precária das escolas e a falta de investimentos por parte do governo e, de outro, o trabalho dos professores, refletido na forma tradicional como ensinam, ainda calcada em modelos reprodutores de conhecimentos sem sentido e sem relação com a vida do estudante, como aspectos que geram desmotivação e desinteresse, bem como fragilizam os vínculos do jovem com a escola, concorrendo para os processos de abandono e evasão.

3. Os sentidos da permanência: por que os jovens vão à escola?

Antes de chegarmos à conclusão precipitada de que os jovens não valorizam os estudos ou mesmo a escola, é preciso interrogar: afinal, o que os motiva a frequentar e a permanecer na escola? O que a escola possui que lhes possa interessar?

Convém notar que, apesar de os jovens afirmarem, em sua maioria, que o principal problema da escola é a desmotivação para os estudos, quando interrogados sobre o porquê vão à escola^{xiv}, 49% responderam ‘para adquirir conhecimentos’, e 31,3% disseram que desejam ‘melhorar seu futuro e de sua família’. Esses dois aspectos são indicadores de que os jovens depositam na escola expectativas positivas de ter acesso a conhecimentos úteis

para a vida, assim como de que a escolarização pode lhes proporcionar alguma melhoria em termos socioeconômicos.

Entretanto, se considerarmos que a relação com o saber (CHARLOT, 2000) implica o desejo – desejo do outro, desejo do mundo, desejo de si próprio –, que se particulariza na experiência do prazer de aprender e saber, poderíamos assegurar que, na experiência escolar desses jovens, a relação com o conhecimento resulta em sucesso? Parece que não é bem assim. O desejo é expressão do investimento do sujeito (neste caso, de sujeitos, professores e alunos), o qual se constitui, socialmente, sob condições dadas. Assumindo que a realidade objetiva do trabalho docente e das escolas públicas nas periferias urbanas não tem potencializado o despertar desse desejo (ainda que ele exista e esteja sempre presente para o sujeito), há algo no processo de escolarização desses jovens que cria, para a maioria deles, encruzilhadas das quais eles não conseguem escapar, mesmo que as determinações objetivas não sejam causalidades absolutas e que os sujeitos sejam capazes, também, de se autodeterminar.

Assim, tomando o fato de que 69,2% dos estudantes da pesquisa declararam que já trabalham ou precisam trabalhar, e que perante os estudos eles se encontram desmotivados e desanimados, interrogamos se é de fato o conhecimento o principal atrativo ou, ao contrário, se é a certificação que a escola oferece aos jovens como condição de acesso ao mercado de trabalho o que mais lhes interessa. Tendo em vista a abrangência e a variedade da nossa amostra, talvez seja preciso diferenciar os sentidos que os jovens atribuem à escola de acordo com cada situação.

Em algumas escolas, como a SH, o conflito se dá entre o sentido de ir à escola para adquirir conhecimento e a busca por um diploma que garanta ao jovem a credencial para a entrada no mercado de trabalho: *“Não é o ensino da escola, em si, que vai nos levar para frente, mas sim para terminar o terceiro ano, está escrito ali, terceiro ano, entendeu? É o papel que vale mais, não vale o conhecimento”* (Grupo Focal, 3EM noturno, Escola SH, 2015).

Neste último caso, ir à escola se torna mera formalidade, visto que a apropriação do conhecimento é superficial e precária. Na medida em que o interesse do jovem centra-se tão somente na certificação, pouco importa, de fato, o que a escola ensina. Os jovens da escola SH afirmaram que a escola não prepara para o trabalho, nem para a vida, tampouco para o vestibular. Questionamos então qual seria o sentido de frequentarem a escola, ao que eles

Juventude pobre e a relação com a escola: entre esperança e desilusão

responderam: “*pelo diploma*” (Grupo Focal, 3EM noturno, Escola SH, 2015). Ficou claro, a partir dessas respostas, que ir à escola é uma exigência conferida pela certificação necessária à obtenção ou manutenção do emprego. A escola se revela, assim, como um lugar cuja utilidade e sentido são dados não pelo acesso à cultura letrada e à formação cidadã, mas pela certificação requerida pelo concorrido mercado de trabalho.

Já os jovens da Escola GV disseram que buscam o conhecimento mesmo das disciplinas, os conteúdos curriculares propriamente ditos, o que teria relação com a continuidade dos estudos. Mas há estudantes que buscam a escola esperando que o conhecimento seja assimilado automaticamente, simplesmente por frequentarem a escola. Ora, como se sabe, não há produção de conhecimento sem dedicação, sem estudo, sem que o estudante, nas palavras de Charlot (2005), mobilize-se em direção ao saber, pois esse processo requer desejo pelo desconhecido, e o desejo não se manifesta espontaneamente, ele tem que ser provocado, despertado e desenvolvido pela atividade de ensino do professor.

A despeito de o estudante buscar conhecimento ou certificação, o fato é que a instituição escolar ainda representa uma mediação importante das expectativas de ascensão social dos jovens da pesquisa, visto que 31,3% responderam que vão à escola porque ‘desejam melhorar seu futuro e de sua família’. Entretanto, a crise do capital e a ruptura da linha de continuidade entre formação escolar e mercado de trabalho – possível somente em contextos de pleno emprego – inviabilizaram as possibilidades de mobilidade social ascendente ambicionada pelos estudantes. Nesse sentido, a própria escola e a tarefa específica que realiza nesse processo de integração dos jovens à sociedade via formação para o trabalho precisam ser questionadas e atualizadas, uma vez que, como explica Gentili (1999), presenciamos o fim da promessa integradora da escola. De acordo com este autor, em contextos de desemprego estrutural, tal promessa é substituída pela promessa de empregabilidade, cujo fundamento é a responsabilização do indivíduo pela sua formação e consequente inserção no mercado de trabalho. Assim, se “[...] as oportunidades escolares transformam diplomas em bens comuns, que perdem sua capacidade de credenciar os indivíduos para o mundo do trabalho [...]” (SPÓSITO, 2004, p.79), o incremento da empregabilidade se torna uma consequência necessária, induzindo a “[...] uma busca cada vez mais forte de novas oportunidades, configurando uma demanda endógena de escolaridade” (SPÓSITO, 2004, p.79).

Cruzando dados da renda familiar e da escolaridade dos pais dos jovens da pesquisa, percebemos que os estudantes já superaram o grau de escolarização de suas famílias. Mas, como as exigências por formação aumentaram, ter maior escolaridade não significa, hoje, maior renda. Os jovens são impelidos à busca por novas certificações, já que se tornar e manter-se empregável é uma condição indispensável da classe trabalhadora em tempos de acumulação flexível do capital.

Na Escola SS, por exemplo, os estudantes expõem os motivos do porquê vão à escola, revelando ainda que estão na EJA para “recuperar o tempo perdido”, “correr atrás do prejuízo”, “porque estavam atrasados nos estudos”, noções compartilhadas por vários deles.

Porque eu sei que, lá na frente, vou me arrepender [se não estudar]. Eu vou querer ter o que os outros têm, eu vou querer ter carro, casa só para mim e aí eu sei que não ia dar.

Preciso ser alguém na vida e aí, quando crescer, vou estar sossegado e conseguir um emprego bom. (Grupo Focal, 2º segmento EJA, matutino, Escola SS, 2015).

Assim, por um lado, se os estudantes buscam a escola por acreditarem que ela pode lhes oferecer certa condição de empregabilidade, por outro lado, observamos que a escola não consegue efetivamente cumprir essa função de integração de acordo com as expectativas dos jovens, uma vez que, ao invés de universalizar condições de permanência e sucesso alicerçadas em padrões socialmente referenciados de qualidade pedagógica, promove uma conformação social pela via da dualidade de novo tipo. Nesta nova dualidade, a quantidade e a variedade das ofertas de formação, as condições de permanência, o acesso ao conhecimento e a obtenção da certificação não significam oferta ampla,

[...] mas sim pulverizada, desigual, regular, instável [...] cujos sentidos verdadeiros só são apreensíveis se levarmos em conta o efeito de conjunto dessa variedade de ações instáveis e orgânicas à lógica da forte fragmentação do trabalho e do imprescindível controle social. (RUMMERT; ALGEBAILÉ; VENTURA, 2012, p. 44).

Percebemos, dessa forma, uma enorme contradição entre o que os jovens esperam da escola e o que a escola pública tem lhes proporcionado em termos de formação e projeção de futuro, em especial nestes contextos de precariedade social. Em relação ao conhecimento almejado pelos estudantes e aos conteúdos ofertados pela escola, Stoski e Gelbcke (2016), em estudo sobre as aproximações e os distanciamentos entre os jovens e a escola, dizem que os alunos valorizam os conhecimentos mais elaborados, as aulas mais dialogadas e as atividades mais participativas, como feiras de ciências, semanas culturais e

Juventude pobre e a relação com a escola: entre esperança e desilusão

trabalhos em grupo, nos quais a aquisição de novos conhecimentos, somada ao empenho dos professores, pode resultar numa relação positiva entre o jovem e o conhecimento escolar. Além disso, as autoras percebem, como nós, que o conhecimento e o aprendizado significativo são valorizados pelos estudantes pela sua importância nas atividades futuras, para a continuidade dos estudos e mesmo para a busca (ou manutenção) de emprego. Mas não consideramos possível uma mudança exclusiva na atitude dos professores e na forma como os conhecimentos são tratados, nem acreditamos que as mudanças nestes aspectos sejam suficientes para conferir novos sentidos à escola e ao trabalho. Escola e trabalho estão articulados à mesma engrenagem do sistema do capital, que fragmenta, para estudantes, professores e o conjunto dos trabalhadores, suas atividades de formação e suas atividades laborais, reduzindo-as ao reino das necessidades. Como diz Charlot (2005), uma transformação das práticas pedagógicas orientada para a redução das desigualdades “[...] esbarra na necessidade de transformar as próprias relações sociais” (p. 39).

Contudo, se olharmos às avessas para o que nos dizem os jovens sobre os problemas da escola, como aspectos a serem considerados na perspectiva da transformação dessa relação, podemos antever algumas possibilidades *na* e *para* a escola. A juventude contemporânea quer e precisa ter acesso a um conhecimento aprofundado sobre o mundo que a cerca. Sabe-se, porém, que o conhecimento científico, “[...] por ser histórico e efetivar-se em sociedade de classes, não é neutro, e tem como objetivo ajudar os seres humanos a entender a realidade no plano da natureza e da sociedade em seu próprio benefício” (FRIGOTTO, 2004, p. 61). Por isso mesmo é que a escola pública tem o dever de socializar o conhecimento científico produzido e acumulado pela humanidade historicamente, haja vista que “[...] os jovens provenientes das classes populares – a imensa maioria, portanto, que frequenta a escola pública diurna ou noturna – é que pagam um preço maior com a banalização do processo de construção do conhecimento” (FRIGOTTO, 2004, p. 61).

Só o conhecimento científico rigoroso, crítico e aprofundado é capaz de articular as diferentes formas de criação humana com o trabalho enquanto instância criadora de valores de uso e atividade, por excelência, de transformação do homem e da natureza, de produção da existência humana. Os jovens que frequentam a escola pública, em especial a de nível médio, clamam por explicações que os ajudem a compreender e superar suas atuais

condições de vida. Em vista disso, é preciso ter olhos e ouvidos atentos para ver e escutar o que eles nos apresentam. Sigamos suas indicações:

[...] e tem vezes que a gente nem sabe o porquê tira uma nota dessas, tu não fizeste praticamente nada, tu só fizeste trabalhinho e conseguiste aquela nota, mas tu nem sabes o conteúdo. Isso é uma ironia, porque não reflete o seu conhecimento com a nota que você tirou. (Grupo Focal, 3EM matutino, Escola PA, 2014).

O depoimento acima expõe a percepção da superficialidade do conhecimento que lhes é ofertado e denuncia uma avaliação que não permite ao estudante medir-se em relação ao conhecimento de fato apreendido. Mas o desejo de mudança pode ser canalizado para o fortalecimento dos espaços de participação dos jovens na escola, de auto-organização dos alunos e de diálogo franco e aberto entre os diversos segmentos da escola. O depoimento abaixo revela esta possibilidade de aproximação dos jovens com a escola.

[...] um dia teve um debate sobre os banheiros, sobre o que precisava melhorar, e aí a diretora disse assim:- Não, não, não. Aqui pode falar quem quiser, mas vai ser assim, assim, assim. O pessoal se fechou e ficou quieto. Botei a mão no meu rosto, estava agoniado. Aí eu disse assim:- Me dá esse microfone aqui!. Eu olhei para a diretora e disse: - Isso aqui é regime militar por acaso?[...] Aí o pessoal começou a despertar, e para me segurar, para eu não falar mais da realidade, ela disse: - Tá, podemos conversar lá na direção? (Entrevista, 3EM matutino, Escola JC, 2014).

Retomando aqui nossa leitura às avessas, ouvimos dos jovens reclamações sobre as dificuldades que eles têm de participar das decisões da escola e dos obstáculos quanto à construção da autonomia dos alunos. No grupo focal realizado com os estudantes do 3º ano do Ensino Médio matutino da Escola PA, os jovens recordam um período em que a escola foi mais democrática, em que havia mais abertura para a participação dos alunos, o grêmio estudantil era atuante e havia projetos diversos na escola, tal como expresso no depoimento do estudante: “Como a gente falou antes, a gente tinha aula de dança, aula de violão, a gente tinha incentivo, entendeu?” (Grupo Focal, 3EM matutino, Escola PA, 2014). E seguem afirmando que hoje não encontram espaço de diálogo e apoio da escola:

Aqui no colégio, hoje, a gente vive em uma realidade onde o aluno não tem ajuda da direção para nada, o aluno quer arrumar um jeito de arrecadar fundos para a formatura, mas não pode vender nada no colégio, não pode fazer uma rifa no colégio, não pode fazer praticamente nada no colégio, a direção não ajuda em nada aqui no colégio. (Grupo Focal, 3EM matutino, Escola PA, 2014).

Finalmente, elencam aquilo que, na visão deles, precisaria ser melhorado:

Juventude pobre e a relação com a escola: entre esperança e desilusão

Eu acho que nessa escola tem que melhorar é a base ali com as crianças, mostrar para elas que tem que estudar, incentivar elas a gostarem de estudar (Grupo Focal, 3EM matutino, Escola PA, 2014).

A relação com os professores foi a que se manifestou de forma mais intensa e mais ambígua: 16,3% dos jovens responderam que gostariam de mudar os professores^{xv}. A falta constante de professores (11,3%) e sua desmotivação (8,9%) também foram percebidas pelos estudantes quando interrogados sobre os principais problemas da escola. Entretanto, em relação aos aspectos positivos da escola, foram justamente os professores que apareceram em primeiro lugar, com 34,4% das respostas. Além disso, 35,4% dos jovens acham que, para um bom desempenho na escola, é preciso ter bons professores. Diante desse quadro, é possível afirmar que os professores, antes de aparecer como um problema, eles são um importante elemento de vínculo com o processo de escolarização, e, portanto, o que os jovens nos revelaram é que eles querem ‘bons professores’. Os depoimentos abaixo evidenciam a diferença que um bom professor pode fazer na trajetória dos estudantes:

O professor de Português pegou tanto no meu pé que eu já estou começando a gostar. Ele pega no meu pé durante três anos, ele foi um dos caras que me mostrou que vale a pena estar aqui, querendo ou não, vale a pena, e foi ele que me mostrou (Grupo Focal, 3EM matutino, Escola PA, 2014).

Tudo que dissemos até aqui explicita, contraditoriamente, os sentidos e as expectativas que os jovens têm em relação à escola. Se eles têm consciência de que a infraestrutura precária é um forte fator de desmotivação (já que 31,3% dos estudantes gostariam de mudar a estrutura física das escolas), e o conhecimento muitas vezes é superficial, fragmentado e não lhes proporciona as bases conceituais e ético-normativas para que possam agir de outra maneira perante suas condições de vida, por outro lado, as referências pessoais que eles têm na escola (os professores, os colegas e a equipe gestora) são aspectos que podem aproximar os jovens da escola, tornando o processo de escolarização mais atraente, motivador e cheio de sentido para a vida do estudante, conforme se infere do seguinte relato: “o que torna um lugar especial são as pessoas e as memórias do que vivemos nestes lugares” (Grupo Focal, 3EM matutino, Escola IEE, 2015).

Finalmente, vale destacar as perspectivas de futuro manifestadas pelos jovens, uma vez que o desejo de continuar os estudos e a construção de projetos profissionais acabam levando os jovens a valorizarem a experiência e o conhecimento escolar, ainda que isso ocorra no final do processo de escolarização. De um modo geral, 88,2% dos estudantes

indicou que deseja continuar os estudos, seja acessando um curso técnico ou superior profissionalizante, seja ingressando na universidade, ainda que alguns enfrentem enormes dificuldades para fazê-lo, por exemplo, para realizar as provas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), para prestar vestibular ou mesmo para frequentar uma universidade pública e/ou pagar uma universidade privada.

Por outro lado, para muitos desses estudantes, em especial os estudantes trabalhadores (56,5% pretendem continuar os estudos e trabalhar), talvez esses projetos sejam mais imaginários que reais (SILVA, 2015), haja vista que esses jovens são obrigados a produzir sua existência imediata, o que vai adiando o plano de continuar os estudos. Somente 6,9% dos estudantes declararam ter as condições de fazer um curso superior e apenas estudar.

Contudo a possibilidade ou expectativa de continuidade dos estudos é um dos aspectos que vinculam e fortalecem a relação dos jovens com a escola, pois a maioria dos estudantes projeta não só dar continuidade aos estudos mas fazê-lo pela via do acesso ao ensino superior, o que requer compreender quando e como se constroem e por onde passam os projetos profissionais dos estudantes.

Interrogados sobre seus projetos profissionais, 29,9% dos jovens responderam que almejam um ‘projeto que os realize profissionalmente’. Soma-se a isso que 41,4% pretendem fazer o ensino superior e trabalhar. A continuidade dos estudos pela via do ensino superior se apresenta ainda como possibilidade de “*ganhar melhor*”, uma vez que, segundo nos relatou um estudante do 3º ano do ensino médio, “*Acho que sem nível superior a gente vai ganhar no máximo dois salários-mínimos*” (Grupo Focal, 3EM noturno, Escola LM, 2014).

Para além das questões relacionadas à inserção no mercado de trabalho e à possibilidade de progressos financeiros, os jovens também destacam a importância do conhecimento: “*Não só visando às grandes oportunidades de emprego, mas também ao conhecimento pessoal, precisa ter um conhecimento, abranger novos conhecimentos, formas de pesquisa, coisas novas*” (Grupo Focal, 3EM matutino, Escola HS, 2014).

Retomando os motivos pelos quais permanecem na escola, 50,2% dos estudantes associaram o conhecimento ao principal motivo de aproximação com a escola, ou seja, a continuidade dos estudos e a aquisição de conhecimentos – ainda que esse conhecimento se reduza, muitas vezes, à mera certificação – são elementos importantes que reforçam o

Juventude pobre e a relação com a escola: entre esperança e desilusão

vínculo do jovem com a escola, pois são necessários à inserção no mercado de trabalho e, conseqüentemente, ao exercício de determinadas atividades laborais. Ademais, tais conhecimentos figuram como possibilidades de conhecer coisas novas, de aprender para a vida, comportando a chance de que a escola se apresente ao jovem como um desafio, de que o saber se constitua como um prazer e o conhecimento como uma “aventura intelectual”, tal como defende Charlot (2002).

Considerações finais

Eu acho que a escola pública tá muito básica, eles passam ali só por cima do assunto, eles fingem que te ensinam e depois você tem que se virar. O governo deixa muito a desejar com o ensino público, tem muita falha. Na verdade, a escola não prepara para nada, eu não boto fé no ensino público... (Grupo Focal, 3EM matutino, Escola PA, 2014).

A escola é tudo! Olha, para um garoto como eu, que é de uma comunidade, que o que mais acontece é morte, tráfico de drogas, todo mundo mora num barranco que dá uma chuva e desbarranca tudo, qual é a escolha que eu tenho que fazer? A única esperança que ele tem de sair dessa realidade é a escola, o estudo (Entrevista, 3EM matutino, Escola JC, 2014).

Os depoimentos acima expressam o enorme paradoxo vivido pelos jovens estudantes das escolas públicas pesquisadas: de um lado, a percepção da má qualidade da educação oferecida pelo Estado, o que reduz suas possibilidades de escolha e limita seus projetos de futuro; de outro lado, a necessidade de uma boa educação escolar para os jovens da classe trabalhadora, a aposta na continuidade dos estudos e o desejo de que, pela formação escolar, possam melhorar seu futuro e de sua família. Entre uma e outra interpretação, oscilam os motivos que distanciam e, ao mesmo tempo, aproximam os jovens da escola, fragilizando ou fortalecendo vínculos com o processo de escolarização.

Dessa forma, a relação com os estudos e o conhecimento é tensa, ambígua e contraditória. Ao mesmo tempo em que a escola é um lugar onde buscam ‘adquirir conhecimentos’, a forma como esse conhecimento é apresentado aos estudantes se articula muito pouco com a sua vida, com seu contexto, com suas necessidades imediatas e também históricas. Como a maioria dos jovens da pesquisa já são trabalhadores, a busca por conhecimentos e a relação com os conteúdos escolares está colada à expectativa de que a escola lhes forneça os subsídios básicos para progredirem economicamente no mercado do trabalho ou garantirem a manutenção do emprego, de tal forma que o conhecimento aparece fortemente confundido com a certificação.

Porém, ao se darem conta de que o problema da conquista do emprego e da inserção profissional não é da escola, mas da sociedade capitalista que lhes reserva um lugar subalterno no mercado de trabalho, os jovens desanimam-se com a escola, desinteressam-se por sua formação. Por isso, quanto mais avança o processo de escolarização, mais estreitos e imediatos são os sonhos e os projetos de futuro dos estudantes das escolas pesquisadas. A percepção da reduzida capacidade institucional, científica e cultural da escola, somada às dificuldades de ordem pessoal e pedagógica dos estudantes, parece ser uma forte razão para que os jovens se desanimem e, pouco a pouco, desistam da escola.

Observa-se, desse modo, que, apesar de sua importância e especificidade, a escola vem perdendo espaço enquanto instituição responsável pela transmissão do conhecimento e socialização da cultura. Algebaile (2009) adverte que, para a população pobre, a escola vem perdendo a função de socializar o conhecimento elaborado, ao passo em que crescem suas funções assistencialistas. Já para a juventude, que vivencia outros tantos espaços de produção cultural e socialização, a escola torna-se uma entre outras agências culturais, conforme já denunciado por Spósito (2004).

Não obstante, pensamos que o conhecimento produzido historicamente pela humanidade, que cabe à escola selecionar, organizar e colocar à disposição de todos, interessa à sociedade de maneira geral, porém a divisão social do trabalho e as desigualdades sociais que daí derivam obrigam uma parcela significativa dessa sociedade a produzir sua existência imediata, inclusive os adolescentes e jovens, que, desde muito cedo, ingressam no mercado de trabalho reduzindo seu tempo para o estudo, para a apropriação e vivência de conteúdos culturais, ou mesmo para ter experiências próprias à sua condição juvenil. O trabalho, portanto, não só concorre e prejudica a relação do jovem com a escola como também tolhe e aprisiona seus projetos de futuro às condições objetivas dadas pelo seu pertencimento de classe. Não é sem razão que os jovens apresentam projetos profissionais de curto alcance, às vezes mais abstratos que concretos.

Ademais, se a forma como os professores ensinam tem dificultado a vida do estudante na escola, a valorização dos professores como fator de bom desempenho e como aspecto positivo da escola revela o que se espera desta relação. Embora o conhecimento transmitido pelo professor nem sempre seja apreendido ou apresentado de um modo que promova o gosto pelo estudo, a forma ambígua como os estudantes concebem a presença

Juventude pobre e a relação com a escola: entre esperança e desilusão

e a interferência do professor na sua relação com a escola expressa, em última instância, valorização e apreço pela instituição escolar.

Os sentidos da escola como espaço de encontro e participação social, como acesso a conteúdos que permitam ao jovem desenvolver uma atividade laborativa, ou até mesmo promover sua ascensão social, configuram-se como motivos de aproximação entre os estudantes e a escola, na medida em que estas são as suas apostas quando insistem no processo de escolarização. A perspectiva de continuidade dos estudos e as expectativas de formação profissional pela via do ensino superior são também aspectos que reforçam a permanência dos jovens na escola e se constituem como importantes elementos de vínculo.

Diante disso, deparamo-nos com a existência de uma contradição insolúvel dentro do atual modo de produção da vida: o trabalho é o que garante a permanência do jovem na escola, embora reduza a sua condição como estudante, na medida em que concorre com os estudos, impedindo-o de ser um estudante por inteiro. O mesmo parece válido, portanto, se pensarmos na continuidade dos estudos, na formação profissional vindoura, se a mesma tornar-se concreta e viável em concomitância com o trabalho.

Nesse movimento, o que aproxima o jovem da escola é também o que o afasta dela, na medida em que sua trajetória escolar é comprometida pelas condições de estudante-trabalhador. Como tal, ele tem reduzidas suas possibilidades de aproveitamento dos estudos e dos conhecimentos disponibilizados – mesmo que superficiais e fragmentados – e, portanto, de acesso aos elementos básicos para compreender e atuar sobre a realidade em que vive, de modo que possa imprimir mudanças, ainda que moleculares e de longo prazo, sobre as suas condições de vida, de trabalho e de formação. A tendência geral, diante das condições atuais da escola pública brasileira e da experiência social e escolar da juventude pobre dos territórios de precariedade social, é que os jovens se contentem com as poucas opções e brutais condições de trabalho precário que lhes são oferecidas, quando então suas expectativas de melhorar seu futuro e de sua família se convertem à sua reprodução enquanto classe trabalhadora.

Referências

ALGEBAILLE, Eveline. **Escola Pública e pobreza no Brasil: a ampliação para menos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Orgs). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, pp. 39-64, 2004.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

_____. Relação com a escola e o saber nos bairros populares. **Perspectiva**. Florianópolis v.20, n. Especial, p. 17-34, jul/dez 2002.

_____. **Relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre, Artmed, 2005.

D'AGOSTINI, Adriana; VENDRAMINI, Célia Regina; MARCASSA, Luciana Pedrosa; DALMAGRO, Sandra Luciana; CONDE, Soraya Franzoni. Desigualdades sociais e escolares: infância e juventude nas voltas que o mundo dá. In GARCIA, Adir Valdemar; TORRI, Daniele; CERNY, Roseli Zen; OLIVEIRA, Silvia Maria de (Orgs). **Reflexões sobre a pobreza: educação e assistência**. (Coleção Educação, Pobreza e Desigualdades Sociais, Volume 2). Florianópolis: UFSC, pp. 101-151, 2017.

DIEESE. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. Desemprego em alta. **Boletim Emprego em Pauta**. Recuperado de <https://www.dieese.org.br/boletimempregoempauta/2016/boletimEmpregoEmPauta.html>. Acesso: maio, 2016.

ENGUITA, Mariano Fernández. **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FORACCHI, Maria Alice. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira** (2a.ed.). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Sujeitos e conhecimento: os sentidos do Ensino Médio. In FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. (Orgs). **Ensino médio: ciência, cultura e trabalho**. Brasília: MEC, pp. 53-70, 2004.

GENTILI, Pablo. Educar para o desemprego: a desintegração da promessa integradora. In FRIGOTTO, Gaudêncio. (Org). **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, pp. 76-99, 1999.

INEP Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo Escolar da Educação Básica 2016** – Notas Estatísticas. Brasília: Inep, fev. 2017.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política**. Livro 1, Vol.1. 17ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2ªed. São Paulo: Boitempo, 2008.

RUMMERT, Sonia Maria; ALGEBAILLE, Eveline; VENTURA, Jaqueline. Educação e formação humana no cenário da integração subalterna no capital imperialismo. In SILVA, Mariléia Maria; EVANGELISTA, Olinda; QUARTIERO, Elisa Maria. (Orgs.). **Jovens, trabalho e educação: a conexão subalterna de formação para o capital**. Campinas: Mercado das Letras, pp. 15-70, 2012.

SILVA, Mariléia Maria. Entre “Planos B” e “Saídas de Emergência”: Percursos e expectativas profissionais de jovens trabalhadores/as. **Revista Trabalho Necessário**, 13(21), pp.142-164, 2015.

Juventude pobre e a relação com a escola: entre esperança e desilusão

SPÓSITO, Marília Pontes. (2004). (Des)encontros entre os jovens e a escola. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. (Orgs). **Ensino médio: ciência, cultura e trabalho**. Brasília: MEC, pp. 73-91, 2004.

STOSKI, Patrícia; GELBCKE, Vanessa. Raianna. Juventudes e escola: os distanciamentos e as aproximações entre os jovens e o Ensino Médio. In SILVA, Mônica Ribeiro da; OLIVEIRA, Rosângela Gonçalves de (Orgs). **Juventude e ensino médio: Sentidos e significados da experiência escolar**. Curitiba, UFPR, pp. 33-51, 2016.

Notas

ⁱ As escolas que compõem a amostra da pesquisa são identificadas aqui por siglas.

ⁱⁱ O maciço do Morro da Cruz está localizado na porção central da Ilha de Florianópolis, tendo uma população estimada em 22.708 moradores e cerca de 18 comunidades. As famílias que vivem nessa região moram em habitações precárias, sofrem a falta de espaços verdes e de lazer e a ausência de serviços públicos adequados.

ⁱⁱⁱ Para identificação das escolas, turmas, períodos e ano em que foram colhidos esses depoimentos, indicamos entre parênteses se é entrevista ou grupo focal, escola, série, turno e ano em que a atividade foi realizada.

^{iv} As respostas à pergunta “Quais os principais problemas da escola?” foram: agressões e violência (7,5%); discriminação e preconceitos (5,7%); álcool e drogas (2,3%); indisciplina na sala de aula (11,9%); falta constante de professores (11,3%); desmotivação dos professores e dificuldades de ensinar (8,9%); baixa exigência dos professores (2,3%); ausência de diálogo com a direção (3,2%); propostas de ensino distantes da realidade dos jovens (2,9%); estrutura precária da escola (4,2%); falta de investimentos do governo (18,5%); falta de interesse dos alunos (21,3%).

^v 79% dos jovens da pesquisa, quando interrogados sobre sua condição de estudante, afirmaram que trabalham ou precisam trabalhar.

^{vi} Segundo dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE, 2016), a taxa de desocupação cresceu mais entre os jovens de 14 a 17 anos, alcançando 37,9%, seguidos dos jovens de 18 a 24 anos, com taxa de 24,1% no primeiro trimestre de 2016.

^{vii} As respostas à pergunta “O que é fundamental para um bom desempenho na escola?” foram as seguintes: bons professores (35,4%); apoio e estrutura da escola (13,8%); apoio e acompanhamento da família (7,1%); boas condições financeiras (1,9%); esforço pessoal (29,2%); apoio e colaboração dos amigos e colegas (12,5%), outros aspectos (0,1%).

^{viii} As respostas à pergunta “O que atrapalha seus estudos fora da escola?” foram: trabalho (23,5%); necessidade de cuidar dos irmãos (3,8%); atividades domésticas (6,5%); outras atividades de formação profissional (3,9%); participação em movimentos sociais e/ou culturais (1,0%); internet/televisão/videogame (43,9%); práticas esportivas (6,7%); passatempo com os amigos (9,9%); outras atividades (0,7%).

^{ix} As respostas à pergunta “O que levam os estudantes a abandonarem a escola?” foram: desmotivação para os estudos (47,5%); problemas financeiros (2,7%), a escola não faz nenhum sentido na vida do estudante (1,6%); falta de apoio da família (10,2%); necessidade de trabalhar (17,4%); envolvimento com álcool e drogas (20,7%).

^x As respostas à pergunta “O que mais atrapalha os estudos dentro da escola?” foram: a forma como os professores ensinam (19,3%); a relação pessoal com os professores (7,4%); a relação com os colegas de turma (9,2%); a relação com a direção da escola (2,1%); estrutura, recursos e materiais da escola (8,8%); o ambiente escolar – barulho, indisciplina, brigas (17,1%); dificuldades de aprendizagem (17,1%); não tenho dificuldades dentro da escola (18,8%), outros aspectos (0,1%).

^{xi} De acordo com Marx (1999), o trabalho abstrato pode ser definido como “[...] dispêndio de força humana de trabalho, no sentido fisiológico” (p. 68). Em relação ao trabalho educativo, Enguita (1989) indica que, na produção de mercadorias, se o tempo de trabalho é a medida de valor, na escola, ele é a medida de valor do conhecimento.

^{xii} Semelhante à Síndrome de Burnout, que é um distúrbio psíquico que se caracteriza pelo esgotamento mental, tensão emocional e estresse crônico provocado por condições de trabalho físicas, psicológicas e emocionais desgastantes, resultando em absenteísmo, agressividade, isolamento e falta de compromisso para com a finalidade pedagógica do trabalho docente.

^{xiii} As respostas à pergunta “Quais os aspectos mais positivos da escola?” foram: professores (34,4%); direção (7,5%); estudantes (21,5%); estrutura física (12,1%); espaços de convivência (7,4%); materiais didáticos (2,1%); conteúdos das disciplinas (11,4%); projetos complementares/oficinas (3,5%).

^{xiv} As respostas à pergunta “Por que você vai à escola?” foram bastante concentradas: para adquirir conhecimento (49%); porque desejo melhorar meu futuro e de minha família (31,3%), por obrigação (5,7%); por causa dos amigos da escola (4,9%). As demais opções de resposta (por causa dos professores, dos projetos da escola, porque me sinto valorizado na escola, por causa da merenda, porque sou líder do meu grupo na escola, porque na escola aprendo a ser uma pessoa melhor, por diversão, para ocupar meu tempo, para não ter que trabalhar ou ajudar em casa) obtiveram menos que 1,0%.

^{xv} As respostas à pergunta “O que você mudaria em sua escola?” foram: professores (16,3%); direção (16%); estudantes (11,5%), estrutura física (31,3%); espaços de convivência (5,9%); materiais didáticos (5,1%); conteúdos das disciplinas (8,2%); projetos complementares/oficinas (5,7%).

Sobre as autoras

Luciana Pedrosa Marcassa

Doutora em Educação pela UNICAMP. Docente do Departamento de Metodologia de Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da UFSC. Trabalha com formação de professores de educação física, organização dos processos de ensino e práticas pedagógicas. Na pós-graduação, vincula-se à linha Trabalho, Educação e Política com pesquisas sobre as políticas educacionais para a educação básica, com enfoque na relação juventude, trabalho e educação. É Líder do TMT – Núcleo de Estudos sobre as Transformações no Mundo do Trabalho (CNPq).

E-mail: luciana.marcassa@ufsc.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5313-1002>

Sandra Luciana Dalmagro

Doutora em Educação pela UFSC. Docente do Departamento de Estudos Especializados em Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da UFSC. Atua nas Licenciaturas da UFSC na área de Organização Escolar. Na pós-graduação, vincula-se à linha Trabalho, Educação e Política, com estudos sobre escola, pedagogia socialista, movimentos sociais e educação. Integrante do TMT – Núcleo de Estudos sobre as Transformações no Mundo do Trabalho (CNPq).

E-mail: sandradalmagro@yahoo.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9639-7070>

Recebido em: 20/11/2020

Aceito para publicação em: 26/12/2020